

Sarney acata 4 anos e vê aliança Covas-Brizola

ARQUIVO 15/07/87

Memélia Moreira

O presidente José Sarney acatará qualquer decisão a ser tomada pela Assembleia Nacional Constituinte sobre a duração de seu mandato. "Quatro ou cinco anos, o que a Constituinte decidir deve ser aceito", disse o Presidente da República, em declaração exclusiva à repórter do **Jornal de Brasília**, em seu gabinete no Palácio do Planalto. A decisão do presidente Sarney deve ser anunciada oficialmente no que ele classifica "momento oportuno".

Sarney já começa também a discutir a formação de chapa da sucessão presidencial. Ele acredita que a tendência da oposição é lançar uma chapa que reunirá o ex-governador Leonel Brizola para vice-presidente e o senador Mário Covas para presidente. Para concorrer com esta dupla, no seu entender, setores conservadores aliados à União Democrática Ruralista (UDR) deverão apresentar outra chapa.

O Presidente está convencido de que, pela primeira vez na História do Brasil, a disputa pela Presidência se fará no plano ideológico e não apenas reunindo candidatos por "conveniências fisiológicas". Satisfeito com esta perspectiva, Sarney acredita que este fenômeno é uma das consequências do processo de transição para a democracia. "Isso é muito bom", disse Sarney, certo de que colaborou para a formação desta "nova mentalidade na política brasileira".

Tradição

Embora disposto a acatar qualquer decisão da Constituinte, o presidente Sarney considera o mandato de cinco anos "uma tradição republicana" que deve ser respeitada porque já se cristalizou nas raízes da cultura política brasileira. Além disso, Sarney considera um mandato de quatro anos "muito pouco e seis anos, longo demais". Ele é também contrário à tese de reeleição.

Sarney não está preocupado com a campanha pelas diretas em 88. Ele considera a reivindicação um fato "natural", mas se aborrece com a insistência de nos comícios muitos oradores citarem seu estado de origem, o Maranhão, como fator de descrédito. "Isto é triste. Nos comícios eles logo falam do Maranhão, como se fosse pejorativo",

disse Sarney, que considera o fato uma manifestação de "racismo".

Mesmo despreocupado com a campanha pelas eleições no próximo ano, há dois meses, em 18 de junho, o Presidente da República, que naqueles dias vivia momentos de tensão, fixou seu mandato em cinco anos. Posteriormente, o consultor-geral da República, Saulo Ramos, acenou com a possibilidade de recorrer ao Supremo Tribunal Federal caso os constituintes aprovassem o mandato de quatro anos.

Agora, dois meses depois do pronunciamento que surpreendeu toda a Nação, o presidente Sarney se encontra mais descontraído, de excelente humor e satisfeito com o novo quadro econômico. "Parece que as coisas estão melhorando. Até as notícias dos jornais estão favoráveis", disse o Presidente.

Projetos

Animado com o novo panorama, o presidente Sarney espera retomar sua proposta de integração do Brasil com o continente latino-americano e os demais países do Terceiro Mundo, notadamente com a África. Ele foi obrigado a interromper este programa exatamente em maio, quando pretendia visitar Índia, China e Angola. Agora, as viagens internacionais constam novamente de seu roteiro. Além do México (a viagem está marcada para a segunda quinzena de agosto), o presidente Sarney deve ir ainda este ano à Colômbia e a Venezuela.

O roteiro das viagens internacionais será completado em dezembro, com uma visita a Angola. A visita a este país, além da integração com a África, tem o objetivo de desfazer o mal-estar provocado pelo ministro Abreu Sodré que, ao anunciar a viagem de Sarney à China e Índia, classificou a ida a Angola como "escala técnica", transformando Luanda em posto de gasolina o que, evidentemente, provocou reações.

A política de integração e de marcar a presença brasileira no Terceiro Mundo levou ainda o Presidente da República a determinar ao Ministério de Relações Exteriores que envie um navio-socorro a Moçambique, transportando alimentos e medicamentos. O navio deve partir nos próximos dias: recebeu prioridade no Itamaraty.

☐ "A UDR deverá apresentar candidato próprio à Presidência"

"Nos comícios, eles falam do Maranhão como se fosse pejorativo"

Presidente vai a Angola, desfazer mal-estar causado por Sodré

ARQUIVO 4/12/86



ARQUIVO 7/08/84



Há 2 meses, Sarney fixava o mandato em 5 anos; hoje, confiante, não teme Brizola (na foto, em 84) e o senador Mário Covas

"Malária? Já tive 6 crises"

No seu prontuário médico recente, depois que o cidadão José Sarney tornou-se presidente da República, nada consta sobre a doença. Ela está sob controle.

Mas em sua infância, no Maranhão, Sarney sofreu crises de malária, uma doença que os médicos do Instituto Pasteur, de Paris, estudam há anos na tentativa — até agora infrutífera — de encontrar uma vacina preventiva.

"Já tive muito isso, umas seis vezes", disse o Presidente, ao saber que a repórter passava por mais uma crise provocada pela moléstia. Sarney nunca mais sofreu crises, mas não está livre da doença — que é incurável: mesmo após longos anos ela pode

retornar. Entre os fatores que podem provocar uma recaída está a tensão nervosa, devido ao aumento do índice de adrenalina no sangue.

Um dos ajudantes-de-ordens do Presidente, o capitão Tepe-dino, ao telefonar para a repórter dizendo que Sarney a esperava, chegou a ficar preocupado quando soube da malária. "Esta doença pega?", perguntou.

Silvestre

O impaludismo (ou malária), comum em toda a região amazônica e até nos arredores de Brasília, é uma doença transmitida por mosquito. Não se transmite de pessoa a pessoa. Neste século não houve casos da

doença nos centros urbanos. Guimarães Rosa foi quem melhor descreveu uma crise em um de seus contos. Ela provoca frio, tremor, febre alta e dores em todo o corpo. Para quem sofre de malária, uma dúvida persiste: não se sabe quem faz mais mal, se o remédio ou a doença.

Há, entretanto, uma outra crise. Ela é menos agressiva, provoca indisposição e é responsável pela fama de "preguiçoso" dos habitantes da região amazônica. Na verdade, a "preguiça" é uma reação natural à doença. Entre os mais famosos portadores da moléstia encontra-se o sertanista Orlando Villas-Boas, que ostenta um recorde nada invejável: 220 crises.

Diretas beneficiam PDT, diz Amaral

"Realizar eleição presidencial, no próximo ano, é entregar o poder a Leonel Brizola" — segundo o raciocínio do líder do PDS, Amaral Netto, e do ex-presidente do PFL, o senador alagoano Guilherme Palmeira.

"O grupo pró-diretas trabalha consciente ou inconscientemente pelo Brizola. Quer queiram quer não, estão armando o palanque para ele. Se houver eleição em 1988, dará Brizola".

Palmeira concorda com essa opinião:

"A eleição de prefeito e de vereador será um complicador a mais, porque cada um vai trabalhar pela própria sobrevivência. Ele é o candidato mais forte, porque está fazendo campanha há mais tempo. Nós do PFL e do PMDB, não temos nomes cogitáveis, enquanto o Brizola está na rua, há muito tempo".

Companhia de Eletricidade de Brasília

AVISO Nº 059/87

FM 101,7